

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

MAURÍCIO DE OLIVEIRA BRAGA

“Uma aula diferente”

Excursão visual pelo espaço escolar,
aproveitando o uso de celulares
como ferramenta pedagógica

Porto Alegre-RS
2021

MAURÍCIO DE OLIVEIRA BRAGA

“Uma aula diferente”

Excursão visual pelo espaço escolar,
aproveitando o uso de celulares
como ferramenta pedagógica

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito obrigatório para obtenção de
título de Licencianda em Arte Visuais, da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul -
UFRGS.

Orientador:

Prof. Dr. Luiz Eduardo Robinson Achutti

Banca examinadora:

Prof. Dr. Adolfo Luís Schedler Bittencourt

Prof^a. Dr^a. Teresinha Barachini

Porto Alegre-RS
2021

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador em especial, professor Luiz Achutti pela paciência e inspiração.

A todos os professores que conheci na UFRGS e nas escolas pelas quais passei durante minha jornada na universidade e que me ensinaram a realidade das salas de aulas.

Aos meus pais que me proporcionaram e me apoiaram chegar até aqui e foram responsáveis pelo que me tornei hoje.

A minha filha Sophia que faz meus dias mais felizes todos os dias.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta meu relato de experiência de estágio em docência, realizado no ensino médio no curso de Licenciatura em Artes Visuais, com turmas do 7º e 8º anos de uma escola pública do município de Porto Alegre.

Aborda o aproveitamento dos equipamentos celulares como forma de aproveitamento artístico e pedagógico dentro do ambiente escolar.

Como fonte inspiradora e referência, utilizei o trabalho de fotoetnografia do professor, antropólogo e fotógrafo Luiz Eduardo Robinson Achutti em uma visita ao hospital-colônia de Itapuã, no município de Viamão, Rio Grande do Sul. Sem me aprofundar na experiência antropológica e social que o professor buscou na em sua visita, me concentrei em compartilhar com os alunos como usar a criatividade e conhecimentos técnicos e artísticos fotográficos, para capturar imagens interessantes que contenham algum significado e de como uma bela fotografia pode ser extraída em locais de onde se menos espera.

Procurei criar com esse projeto um escape imaginário, um momento de fuga ou algum tipo de refúgio subjetivo para o aluno, utilizando como impulso o interesse artístico a percepção do espaço escolar como parte da obra.

Palavras-chave: ensino de artes visuais, fotografia, aparelhos celulares.

ABSTRACT

This Course Completion Paper presents my account of my teaching internship experience, carried out in high school in the Licentiate Degree in Visual Arts course with groups of 7 and 8 years old from a public school in the city of Porto Alegre.

It addresses the use of cell phones as a form of artistic and pedagogical use within the school environment.

As an inspiring source and reference, I used the photoethnography work of professor, anthropologist and photographer Luiz Eduardo Robinson Achutti on a visit to the colony hospital of Itapuã, in the municipality of Viamão. Without delving into the anthropological and social experience that the teacher sought in his visit, I concentrated on sharing with students how to use creativity and technical and artistic knowledge to capture images and how a beautiful photograph can be extracted in places where it is less waiting.

With this project, I tried to create an imaginary escape, a moment of escape or a kind of subjective refuge for the student, using artistic interest as an impulse in the perception of the school space as part of the work.

Keywords: visual arts teaching, photography, cell phones.

SUMÁRIO

01.APRESENTAÇÃO.....	09
02.INSPIRAÇÃO.....	11
03.OBSERVAÇÕES.....	18
03.1 Contexto da disciplina na escola	19
04.OBJETIVOS DAS AULAS.....	20
4.1 Metodologia	21
05.A EXPERIÊNCIA DOCENTE.....	23
5.1 Produções.....	35
5.2 Avaliações.....	48
06. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
07. ANEXO 1	54
08. ANEXO 2 (Feedback dos Alunos).....	57
09. ANEXO 3 (Recordações).....	58
REFERÊNCIAS.....	59

Lista de Imagens

Imagem 01: Luis Achutti s/título (2010)	12
Imagem 02: Luis Achutti s/título (2010)	13
Imagem 03: Luis Achutti s/título (2010)	14
Imagem 04: Luis Achutti s/título (2010)	15
Imagem 05: Luis Achutti s/título (2010)	16
Imagem 06: Luis Achutti s/título (2010)	17
Imagem 07: Mauricio Braga 2021	19
Imagem 08: Mauricio Braga 2019	25
Imagem 09: Mauricio Braga 2019	27
Imagem 10,11: Mauricio Braga 2019	30
Imagem 12,13: Mauricio Braga 2019	30
Imagem 14,15: Mauricio Braga 2019	30
Imagem 16: Pagina Instagram EEEF Cidade Jardim.....	31
Imagem 17,18: Mauricio Braga 2019	33
Imagem 19: Larissa Franco s/título 2019.....	35
Imagem 20: João Vitor Oliveira s/título 2019	36
Imagem 21: Eduarda Munhoz s/título 2019	37
Imagem 22: Kauane Neves s/título 2019	38
Imagem 23: Vinny Duarte s/título 2019.....	39
Imagem 24: Mariana Lima s/título 2019.....	40
Imagem 25: Laura Gomes s/título 2019	41
Imagem 26: Laura Allanis s/título 2019	42
Imagem 27: Talita Costa s/título 2019	43
Imagem 28: Sabrina Santos s/título 2019	44
Imagem 29: João Pedro Salgado s/título 2019	45
Imagem 30: Leonardo Lírio s/título 2019.....	46
Imagem 31: Mariana Maia s/título 2019.....	47
Imagem 32,33: Mauricio Braga 2019	58

01. APRESENTAÇÃO

Atualmente a fotografia digital faz parte da vida cotidiana da maioria dos estudantes. Com base nas minhas observações em salas de aulas nas turmas de ensino fundamental do 7º e 8º anos, percebi o uso constante de aparelhos celulares, tanto para pesquisa, entretenimento e captação de imagens, e que essa linguagem era pouco trabalhada nas escolas, como também, pouco incentivada como produto artístico e que poderia carregar um grande potencial gerador de novas práticas e percepções, principalmente no que se refere à arte local, mais próxima do aluno.

Pensando neste sentido, como eu poderia trabalhar com artistas fotógrafos e aplicar o meu conhecimento em fotografia em sala de aula?

Como produzir material e aplicá-lo no Ensino na Arte e ter uma resposta positiva que desperte o interesse dos alunos?

Como aproveitar e respeitar a realidade econômica de cada aluno?

Paulo Freire (1996) salienta a importância do professor respeitar e levar em consideração a bagagem cultural do aluno, tendo também sua realidade econômica e social como fatores importantes na construção das aulas.

É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos. Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p.33).

Pensando em todos esses fatores, decidi realizar com os alunos um projeto que utilizasse fotografias captadas pelos aparelhos celulares como um recurso narrativo em que exploraríamos o espaço escolar aproveitando cada particularidade do local, procurando buscar alguma memória afetiva que cada aluno carregue ou mesmo inspira-lós com imagens de fotógrafos que realizaram trabalhos captando a beleza, diversidade social, cultural e de contrastes em um mesmo ambiente.

Acredito que além de contribuir para a valorização dos artistas, essa excursão fotográfica possa gerar um contato mais estreito entre estudante, seu ambiente escolar e a Arte propriamente dita, provocando, estimulando leituras e praticando fotografia inspiradas no próprio cotidiano do aluno.

Ao final realizamos uma exposição de forma virtual em uma plataforma digital e também na forma presencial na escola para apreciação do resultado do projeto por todos os outros estudantes da escola.

02. INSPIRAÇÃO

Depois do meu primeiro contato de observação com as turmas de ensino médio, fiquei imaginando o que eu poderia fazer com aqueles alunos que usasse algo que eu gosto muito que é a fotografia, algum tema interessante e que utilizasse o espaço fora da sala de aula.

Me inspirei então em um trabalho que já conhecia e o qual gostava muito do professor Achutti, que consistia em sua visita ao hospital-colônia de Itapuã.

Naquela visita que o professor denominou como um trabalho de fotoetnografia ele pode registrar a vida dos restantes moradores daquela “cidadezinha” que serviu de abrigo por décadas a portadores de hanseníase em Porto Alegre e que hoje abrigava os remanescentes descendentes dos originais moradores.

A doença tabu ficou conhecida pela medicina, sua cura veio, o medo terminou, eles agora são livres, mas não livres dos preconceitos. Lá fizeram suas vidas com dignidade possível, lá esperam até que eles e o hospital desaparecem.

(Achutti,2010, p189)



Figura 1 - RESGATE - Vol. XVIII, No. 19 - jan./jul. 2010 - ACHUTTI, Luiz E. R. - p.189-216



Figura 2 - RESGATE - Vol. XVIII, No. 19 - jan./jul. 2010 - ACHUTTI, Luiz E. R. - p.189-216



Figura 3 - RESGATE - Vol. XVIII, No. 19 - jan./jul. 2010 - ACHUTTI, Luiz E. R. - p.189-216



Figura 4 - RESGATE - Vol. XVIII, No. 19 - jan./jul. 2010 - ACHUTTI, Luiz E. R. - p.189-216



Figura 5 - RESGATE - Vol. XVIII, No. 19 - jan./jul. 2010 - ACHUTTI, Luiz E. R. - p.189-216

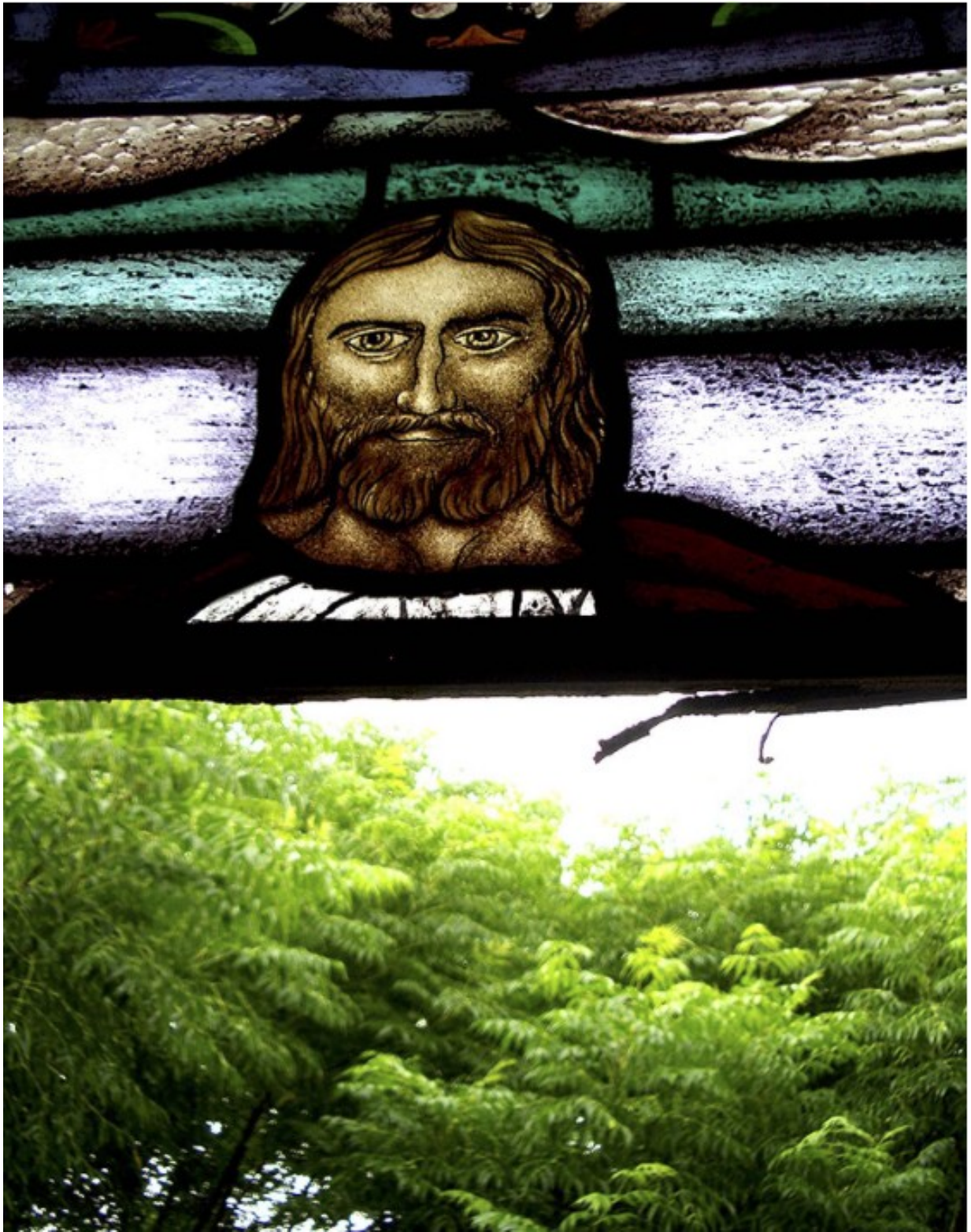


Figura 6 - RESGATE - Vol. XVIII, No. 19 - jan./jul. 2010 - ACHUTTI, Luiz E. R. - p.189-216

03. OBSERVAÇÕES

O objetivo principal das observações em sala de aula foi o de conhecer as turmas, me apresentar e me preparar para introduzir meu projeto e saber principalmente se a disciplina de Arte na escola representava alguma repercussão positiva para os alunos.

O Parâmetro Curricular Nacional de 1997 (PCN) conceitua o ensino da Arte como campo de conhecimento tão importante como os demais. Com ênfase na aprendizagem indica: objetivos, conteúdos, critérios de avaliação e orientações didáticas.

A educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas.
(BRASIL, 1997, p.15).

O PCN deve auxiliar o professor em sua prática docente, pois é um referencial para seu planejamento. Neste campo de conhecimento não é uma indicação metodológica, apesar de propor uma educação em Arte que valorize as práticas do apreciar, produzir e contextualizar, no sentido de garantir um ensino de qualidade.

03.1 Contexto da disciplina na escola

Realizei minhas observações na Escola Estadual de Ensino Fundamental Cidade Jardim, uma escola pequena, com aproximadamente 500 alunos em dois turnos, situada no bairro Nonoai, zona sul de Porto Alegre.



Figura 07 - Mauricio Braga -2021
Fonte: Arquivo pessoal

A disciplina de Artes faz parte do currículo da escola nas turmas no 7º, 8º e 9º anos, com três turmas no 7º e 8º anos e duas no 9º ano. Tive a oportunidade de conhecer todas as turmas nas observações e fiz a escolha de realizar meu projeto em uma turma do 7º ano e outra do 8º ano, cada uma com 20 alunos na mesma faixa etária. Por questões de tempo, execução do projeto e por melhor conciliar meus horários de estudo e trabalho, ficaram definidas as aulas nas manhãs de segundas-feiras.

A professora que me supervisionou neste projeto ministra as aulas de artes em todas as turmas da escola, tem formação para específica área e leciona há 05 anos nesta escola.

04. OBJETIVO DAS AULAS

Meu objetivo desde que iniciei o projeto de ensino foi pensar como além de levar um pouco do processo fotográfico aos alunos, mediar a atrair sua vontade pela busca de novos elementos dentro da escola, indo além do simples ato de fotografar e postar, algo recorrente dentro da rotina deles.

Também que nós pudéssemos em conjunto aproveitar esse mesmo espaço escolar como forma para criação de algum material que fosse consistente e duradouro e que ajudasse o estudante a despertar sua curiosidade, criatividade e também desenvolver um senso artístico e estético utilizando do campo fotográfico como base.

04.1 Metodologia

Ana Mae Barbosa, professora e pioneira da arte-educação no Brasil enxergou nas artes algo além da criatividade, estética e poder transformador, viu nela o potencial de ensinar e educar.

Ana Mae desenvolveu um método de ensinar arte através de um processo que chamou de Abordagem Triangular, que se sustenta em três pilares, são eles: conhecer a história, o próprio fazer artístico e saber apreciar uma obra de arte.

Para a autora o ensino por meio da arte faz parte de uma educação integral, tendo em vista que ajuda o aluno a desenvolver outras áreas do conhecimento e também habilidades como, criatividade, interpretação, motricidade e raciocínio.

Ana Mae Barbosa sistematizava uma postura transdisciplinar como abordagem para a construção de conhecimento em arte; articular e não disciplinar, os três âmbitos e ações: ler, contextualizar e fazer. (Barbosa, 2008, p.343)



Fonte: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/337/AB%2010%20-%20DF.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

A abordagem triangular tornou-se parte na minha maneira de pensar e ensinar Artes Visuais e entendo como questões dialogantes e que acontecem a todo o momento durante as aulas e acredito que desde o momento que o aluno está lendo uma imagem, ele já de certa forma está experimentando a arte e ao mesmo tempo contextualizando, da mesma forma que no momento que ele produz arte fotografando ele está produzindo algo carregado das imagens que viu e de todo o contexto incluso no conteúdo que foi proposto.

As aulas de artes nas escolas costumam abordar apenas dois conceitos: a teoria, com a história da arte e dos grandes pintores e o fazer artístico com desenhos ou recortes e colagens. Acredito que para uma formação completa em artes é preciso unir esses pontos e explorá-los mais. É necessário que o aluno possa estabelecer um contato com a obra de arte e o trabalho feito pelo docente deve guiá-los a entender os signos e símbolos de cada obra e acredito que essa ligação de pontos pode ser feita pela abordagem triangular.

Segundo Ana Mae Barbosa:

“A metodologia de ensino da arte (...) integra a história da arte, o fazer artístico, e a leitura da obra de arte. Esta leitura envolve análise crítica da materialidade da obra e princípios estéticos ou semiológicos, gestálticos ou iconográficos. A metodologia de análise é de escolha do professor, o importante é que obras de artes sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação histórica e ambas partem ou desembocam no fazer artístico.”
(BARBOSA, 2007, p.37).

Pensando no uso da fotografia como uma ferramenta de ensino dentro da abordagem triangular acho importante que o aluno saiba o período e contexto de cada imagem apresentada, também conheça um pouco sobre o funcionamento do equipamento fotográfico, sua história e tenha contato com obras de outros artistas para desenvolver seu senso crítico e para que possa perceber e analisar os componentes e referências utilizados nas imagens de cada autor.

Tendo estes conhecimentos em mente, acredito que o aluno está preparado para iniciar sua produção artística.

Nesse sentido, quando proponho uma atividade em que o aluno veja (ou leia uma imagem como acho que melhor define apreciação fotográfica), carregada de algum contexto histórico ou mesmo, alguma técnica fotográfica e logo após passamos para uma aula prática onde peço que fotografe algo de seu interesse e identifique algum elemento que vimos, além de praticar fotografia, ele está fazendo uma análise crítica conjunta do que viu e fez.

05. A EXPERIÊNCIA DOCENTE

Desde que iniciei o projeto, sempre tive em mente a sugestão dos alunos no primeiro encontro que me disseram que queriam uma “aula diferente”.

Entendi que o diferente fosse algo não tradicional como de costume, dentro da sala, todos sentados me ouvindo e copiando conteúdo.

Pensando nisso tentei sempre tornar as aulas atrativas, com muita conversa sobre fotografia, apresentação de vídeos sobre o assunto proposto

para o dia, aulas no pátio da escola e claro muita prática e apreciação fotográfica.

De acordo com Hernández (2007) uma educação que permita construir e participar por meio da experiência vivida como processo de aprendizagem é repensada diariamente em conjunto com sujeitos em permanente transição rumo ao incerto e ao desconhecido e a novas maneiras de aprender. O ato pedagógico não tem fim, não encerra-se em si mesmo, o aceitamos como uma produção cultural inacabada, é construção de conhecimento horizontal. Escolheu-se o caminho que relaciona conhecimentos e experiências derivadas das artes visuais com concepções e práticas relacionadas à educação escolar.

Na primeira aula, após uma conversa sobre a importância do registro fotográfico como forma de expressão, expliquei basicamente como é o funcionamento do equipamento, mostrei algumas câmeras antigas que tenho, convidei-os a saírem da sala de aula e fomos ao pátio da escola praticar um pouco de fotografia sem nenhum objetivo definido ainda.

Essa saída de sala despertou muito o interesse dos alunos que participaram e se envolveram na atividade de uma forma que até me surpreendeu. O ato de sair da sala parece ter mudado o comportamento dos estudantes, tornando-os mais receptivos e participativos ao que eu estava propondo.



Figura 8 - Mauricio Braga -2019
Fonte: Arquivo pessoal

Durante esse primeiro encontro, procurei estimular a autonomia dos estudantes, porque sabia da importância da participação deles no processo de ensino-aprendizagem. Tentei democraticamente ouvi-los e ser ouvido e essa relação aconteceu de um jeito harmonioso.

Berbel (2011, p.26) traz alguns motivos para se trabalhar a autonomia na escola:

A legislação nacional da educação sinaliza para isso de diferentes modos, de acordo com os diferentes níveis de escolaridade. Por exemplo, para o ensino fundamental, prevê como objetivo, o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores (BRASIL, 1996). Para o ensino médio, entre outros objetivos, no Art. 35, em seu inciso III, prevê-se o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. No Art. 43, lemos que a educação superior tem por finalidade: I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo (BRASIL, 1997).

Berbel (2011) ainda conclui que a escola tem a incumbência de atuar para promover o desenvolvimento humano, a conquista de níveis complexos de pensamento e de comprometimento em suas ações. O professor é o intermediador e ele tanto pode contribuir para a promoção da autonomia como para a manutenção de comportamentos de controle sobre os alunos.

Percebi um certo estranhamento na proposta de saída fotográfica porque notei que eles não estavam acostumados a serem protagonistas nas aulas, embora soubessem o objetivo do estar ali e da importância deles na nossa proposta, muitas vezes eles apresentavam certa resistência ao realizar a atividade e questionavam para saber se “valia nota”. Apesar disso, percebo quanto é importante o não desanimar e não se acomodar na prática de ensino, o professor deve sempre buscar a inovação e tornar as atividades mais atrativas a fim de motivar os alunos e fazê-los perceber o quanto é significativo a construção do seu próprio conhecimento.

Nosso segundo encontro ocorreu com as duas turmas unidas a pedido da diretora da escola por conta da falta de um professor para que os alunos pudessem antecipar períodos e todos saírem na hora do intervalo, o que aconteceu duas vezes neste estágio antes da conclusão. Apesar da confusão inicial por conta da reunião de todos em um ambiente pequeno e alguns problemas técnicos devidos a imprevistos eletrônicos na sala de vídeo, não tive problemas em conduzir a aula.

Conversamos sobre a aula anterior e quanto ela foi proveitosa pelos alunos e vimos as produções. A grande maioria me disse gostou de fotografar e passar um tempo fora da sala e também fazer algo “diferente”. Depois assistimos na sequência um vídeo preparado por mim, sobre estilos fotográficos e vimos também algumas fotografias que marcaram momentos históricos mundiais ainda na sala de vídeo da escola.



Figura 09 - Mauricio Braga -2019
Fonte: Arquivo pessoal

Na semana seguinte continuei a proposta, primeiro o bom dia ao entrar na sala e agora com a autorização da supervisora do estágio eu comandava a famosa chamada para confirmar presença dos alunos.

Na sequência dois fatos me surpreenderam e marcaram muito minha experiência no estágio:

Primeiro que a chamada poderia ser feita de forma tradicional ou eletrônica e repassada ao MEC para monitoramento da escola, algo que nem imaginava que ocorresse até aquele momento, porque nas aulas anteriores pedia para os alunos assinarem seu nome em uma folha e repassava a supervisora após a aula.

Segundo, os alunos começaram a me tratar como se eu fosse o responsável pela turma, o que de fato eu era naquele momento, mas sinceramente não me sentia totalmente desta maneira, me respeitaram, estavam silenciosos e atentos a chamada e a tudo que eu falava muito além do conteúdo.

Aquele instante senti algo que me marcou muito e mudou minha maneira de agir e pensar, minha mente parou de se comportar como um estagiário e comecei a me sentir de fato professor de verdade. Percebi que eu estava ali para repassar experiências e conteúdos colhidos ao longo de toda a trajetória na universidade e que tinha além de conhecimento acadêmico também uma experiência de vida para compartilharmos com eles.

Larrosa (2002) diz que experiência é o que nos acontece, o que nos ocorre, o que nos passa.

“O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos. É importante, porém, ter presente que, do ponto de vista da experiência, nem “conhecimento” nem “vida” significam o que significam habitualmente”. (Larrosa, 2002 p 26).

Entre outros assuntos mais profundos e complexos tratados neste texto de Larrosa, me apego a uma expressão mais simples contida no texto, que me fez lembra-lo e refletir e que se encaixou perfeitamente com aquele instante: “coisas levam tempo”.

Penso nessa frase e contextualizo na minha experiência naquele momento de estágio, naquele período de passagem pela escola eu podia tratar tudo de uma forma mais lenta, leve, sem a obrigatoriedade e a pressão de conteúdos e calendários escolares e que pude também propor atividades mais reflexivas, longas e que me ajudaram muito a repensar minha trajetória acadêmica e passar para um estado mais pleno e confiante em relação a minha prática docente.

Minha maneira de agir e pensar mudou completamente a partir daquele dia e nas aulas seguintes pude observar essa mudança no meu comportamento.

Passado aquele instante reflexivo e marcante para mim, nos dirigimos ao pátio da escola para fazer novas fotografias aplicando conceitos que vimos na aula anterior.

Abaixo algumas imagens daquele dia:



Figura 10,11 - 2019
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 12,13 - 2019
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 14,15 - 2019
Fonte: Arquivo pessoal

Neste dia observei que um tema recorrente nas composições dos alunos incluíam flores e plantas, algo que se confirmou no final. Como estávamos na primavera e por contarmos com uma iluminação favorável durante as manhãs, as flores foram a principal fonte inspiradora para os alunos.

Segundo (Barthes, 1980, p.20) “seja o que for que ela dê a ver e qualquer que seja a sua maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que nós vemos” Imagino que esse invisível citado por Barthes, fique por conta de que cada observador busque significados diferentes na mesma imagem e apesar de repetida a temática cada foto pode transmitir uma mensagem diferente a cada um quem a vê e sendo assim muito válida.

Na aula seguinte criamos uma página da rede social Instagram com o objetivo de facilitar as atividades de envio das fotos e também para que a mesma página fosse usada ao final como previsto um local para exposição virtual de resultado do projeto. Criamos também um grupo de WhatsApp como plataforma auxiliar no envio das tarefas, porém desisti e abandonei a ideia nas aulas seguintes pelo excesso de informações descontextualizadas que os alunos compartilhavam e que desviavam do foco para o qual o grupo tinha sido criado.



Figura 16

Fonte: Pagina Instagram EEEF Cidade Jardim

Mantive a página do Instagram para o compartilhamento de mensagens entre todos e suas fotografias, porém comecei a notar um certo desinteresse por parte de alguns alunos que ignoraram ou simplesmente nem visualizavam as mensagens do grupo.

Na aula seguinte conversei sobre a importância da página para compartilhamento das imagens e quanto seu uso estava associado ao projeto e conseqüentemente a uma avaliação final, porém mesmo após essa conversa não obtive uma resposta clara sobre o porque alguns não acolheram o projeto como um todo.

Diante desta situação, mesmo com novo diálogo e tentativas de incentivo e adesão, a proposta não funcionou como o esperado e alcançou somente uma parte dos alunos.

Seguindo o cronograma, já próximo a fase final desse estágio, começamos a organizar as fotografias escolhidas pelos alunos para a exposição.

Como alguns alunos não apresentaram as produções finais como já descrevi anteriormente e por motivos que não consegui descobrir e que me fizeram pensar em algumas hipóteses que apresento mais a frente no capítulo das avaliações, o trabalho final de organização e montagem ficou resumido a poucos autores.

Mesmo a parte dos alunos que não apresentou a produção final, de alguma forma participou da montagem opinando ou ajudando na organização o que avalei como um lado muito positivo.

Elaboramos uma maneira de expor as fotografias colando as imagens sobre um papel preto para que elas tivessem mais destaque e que facilitasse a fixação no corredor da escola.

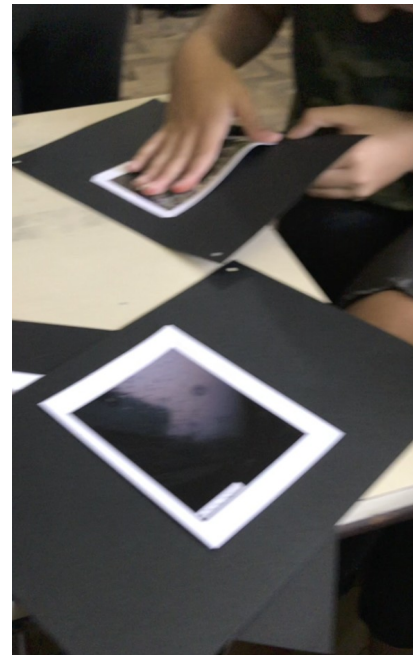


Figura 17,18 -2019
Fonte: Arquivo pessoal

Fiquei um pouco frustrado com o resultado final do projeto, porque imaginei que o tema teria uma grande aceitação e engajamento por parte dos alunos, primeiro por se tratar de fotografia e mídia social um assunto atual e rotineiro na vida dos adolescentes, segundo, pelo projeto ser realizado de uma maneira simples, sem a formalidade de uma avaliação tradicional e também sem o peso das provas.

Ao trabalhar com fotografia e celulares levei em consideração trabalhar com questões atuais, imaginando alcançar a realidade dos alunos como aponta Rangel (2012, p.188).

[...] os jovens e crianças de hoje nasceram e vivem em um tempo em que o conhecimento, saberes, valores, crenças são formulados, em grande escala, pelas representações visuais. Um tempo em que nossas relações com o mundo dos fatos, de um cotidiano experienciado pelo corpo, estão sendo substituídas pelas diferentes “telas” de celulares, PCs, jogos eletrônicos, TVs, iPods, iPads, tablets, cinema 3D, entre outras telas virtuais.

Estamos imersos em uma sociedade cercada de imagens, por isso achei fundamental levantar questões relativas a escola, ao cotidiano que os alunos estão inseridos e essa cultura de imagens de mídias sociais aproveitando-as como uma forma de divulgação e compreensão da arte.

Superada a frustração, completamos a montagem e realizamos a exposição de uma maneira simples, mas organizada coletivamente com muito carinho por mim e pelos alunos, que demonstraram muito orgulho em trabalharem e depois assistirem como autores e artistas um trabalho seu exposto para todos na escola.

Infelizmente a exposição física teve um tempo de duração curto por questões de organização da escola, mas no período que esteve disponível pode ser apreciada e elogiada por todos os estudantes e professores que circulavam pelo corredor principal.

A virtual permaneceu por um tempo mais prolongado online como uma página do Instagram que pude como administrador acompanhar comentários, curtidas e ver satisfação dos alunos interagindo e orgulhosos novamente ao verem um trabalho seu fazer parte de um projeto escolar publicado e apreciado coletivamente com um alcance de público maior.

5.1 Produções.



Figura 19 - Larissa Franco s/título 2019



Figura 20 - João Vitor Oliveira s/título 2019



Figura 21 - Eduarda Munhoz s/título 2019



Figura 22 - Kauane Neves s/título 2019



Figura 23 - Vinny Duarte s/título 2019



Mariana Lima

Figura 24 - Mariana Lima s/título 2019

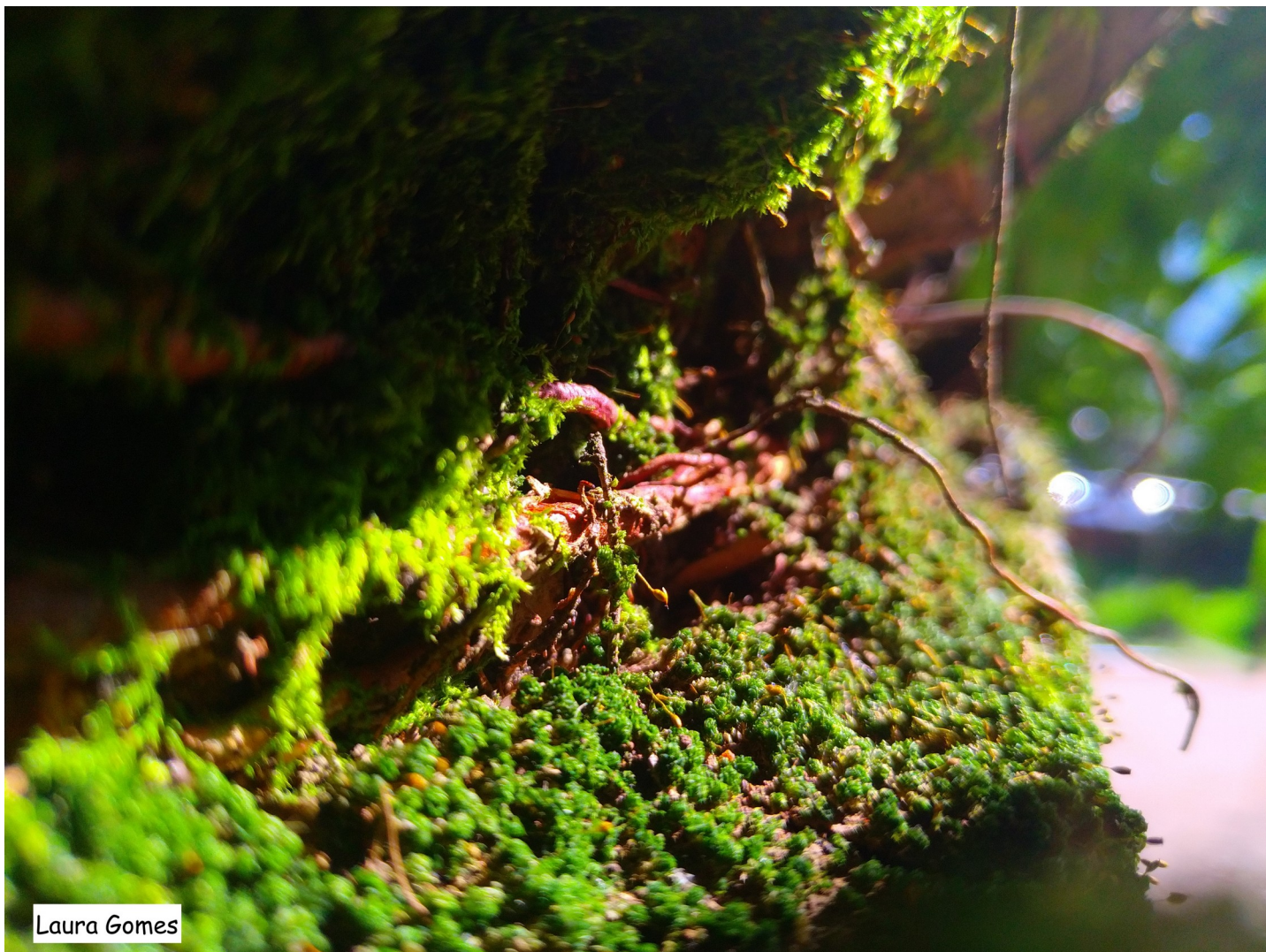


Figura 25 - Laura Gomes s/título 2019



Laura Allanis

Figura 26 - Laura Allanis s/título 2019



Figura 27 - Talita Costa s/título 2019



Figura 28 - Sabrina Santos s/título 2019



Figura 29 - João Pedro Salgado s/título 2019



Figura 30 - Leonardo Lirio s/titulo 2019



Figura 31 - Mariana Maia /título 2019

5.2 Avaliações.

As avaliações tradicionalmente são o momento em que os professores avaliam os conhecimentos adquiridos pelos alunos, tiram suas dúvidas de aprendizagem e analisam o aproveitamento do aluno.

Sabendo que os estudantes trazem consigo uma bagagem cultural e que a aprendizagem acontece de uma forma contínua e que tudo isso reflete e era esperado nesse projeto, a avaliação da disciplina de artes parece ser uma tarefa um pouco mais complicada do que nas demais disciplinas regulares, porque não nos baseamos apenas em notas, provas ou conceitos.

O professor deve estar sempre atento aos conhecimentos prévios dos alunos e ao analisar e avaliar seu crescimento e envolvimento nas atividades durante seu trabalho, acho importante que ele proponha idéias, seja crítico, ofereça caminhos diferentes e desafie o aluno durante o percurso, para que esse repense seus conceitos e escolhas e que isto reflita positivamente mais no seu processo criativo do que no quesito avaliativo, que minha opinião é mais importante que o produto final.

Realizei as avaliações de forma contínua e gradual, observando a frequência e participação nas aulas e produção diária e final de cada aluno.

Ficaram com o conceito máximo (A), todos os alunos que não tiveram faltas, participaram e que apresentaram pelo menos uma foto para a exposição, que seria o objetivo final do projeto.

Abaixo com conceito (B), ficaram os alunos que mesmo não apresentando faltas, não apresentaram uma imagem final para conclusão do projeto e por último com conceito (C), os demais alunos que participaram do projeto, que não tiveram quantidade excessiva de faltas e mesmo não apresentando produção final, participaram das aulas e em algum momento produziram imagens e se envolveram nas atividades.

Nenhum aluno ficou com conceito (D) que causaria uma reprovação, pois sempre pensando em um aprendizado contínuo, como já descrevi, todos participaram em algum momento do projeto e mereceram serem avaliados positivamente.

Infelizmente fiquei surpreso e um pouco decepcionado e desmotivado com o baixo número de fotografias apresentadas no final do projeto, que apesar de contar com quase 40 alunos nas duas turmas pouco mais de 13 apresentaram. Segundo Barreiros (2008, p. 24), um professor desmotivado não motiva o aluno a querer aprender e um aluno desmotivado não têm interesse em aprender, nem motiva seu professor a fazê-lo, ou seja, se não há conexão de saberes e interesses de ambas as partes para o ensino, não há motivação mútua.

Para que o professor possa ensinar e fazer com que o aluno aprenda, não somente o professor deve querer ensinar e estar motivado para tal, mas o interesse do aluno também deve estar presente na aquisição de conhecimento. Barreiros (2008, p. 24).

Acho bastante difícil saber o motivo exato desse desinteresse por parte da maioria dos estudantes, mas ainda durante as aulas em conversas com o grupo tentei descobrir porque alguns deles não se conectavam com a proposta e demonstravam certo desinteresse ou desmotivação e também porque não enviavam as imagens pelas plataformas digitais para serem avaliadas em conjunto como o combinado, uma tarefa relativamente simples que todos julgavam fácil inicialmente e faziam com frequência para outros fins fora do projeto, segundo eles, mas não obtive nenhuma resposta objetiva que me fizesse modificar ou repensar a estratégia de execução durante o projeto, visto que uma parte dos alunos executava a tarefa sem problemas e a outra parte se mostrava resistente.

As conversas não me trouxeram respostas concretas sobre a situação como descrevi, mas me fizeram refletir sobre minha postura como professor, de não desamimar pelo ocorrido, de como realizar projetos futuros e também sobre algumas hipóteses para ter acontecido o fato da pouca adesão.

Imagino que a falta de interesse pode ter ocorrido por não estarem habituados a utilizarem plataformas alternativas como forma de avaliação e a dificuldade de aceitarem esta mudança tenha causado o fato, mesmo depois de eu cobrar e explicar várias vezes sobre a importância desta tarefa como ponto forte para a avaliação final.

Acredito que talvez as atividades que elaborei para sala de aula não tenham alcançado a todos com uma fonte inspiradora ou mesmo, as jornadas

fotográficas pelo pátio da escola não despertaram a criatividade individual como imaginei no projeto, ou também talvez pela insegurança dos alunos em apresentarem fotografias autorais e sentirem-se julgados ou expostos a críticas dos outros colegas possa ser um fator da pouca adesão a proposta final.

Outro fato que acredito que possa ter influenciado no resultado final, foi que percebi que os alunos não julgavam as aulas de artes como difíceis ou importantes para seu currículo escolar e preferiam dar prioridade a disciplinas tradicionalmente mais “difíceis” e que apresentavam um fator de reprovação maior.

Por último, como as aulas tinham um caráter mais recreativo, um pouco mais livres e focadas na metodologia do processo contínuo de aprendizagem e saíam do modo tradicional, imagino que na visão dos alunos eram aulas para eles se descontraírem, como algum passa tempo e que elas não tinham um objetivo concreto de aprender algum conteúdo específico.

06. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Este trabalho teve como objetivo relatar minha experiência em estágio no ensino médio em uma escola pública e também mostrar as dificuldades, reflexões e resultados durante o período de experiência docente.

Algumas dificuldades surgiram durante o projeto como a desmotivação e resistência de alguns alunos frente a mudança dinâmica nas aulas, a desvalorização que a disciplina de Artes sofre frente as outras matérias

curriculares e também acho que principalmente a falta de engajamento por parte de alguns alunos em enviarem as tarefas que deveriam serem realizadas pelo meio eletrônico e virtual.

Vivemos um momento em que os meios eletrônicos estão modificando definitivamente a sala de aula. A tecnologia que era apenas utilizada anteriormente em aulas de informática, hoje faz parte da rotina dos professores e alunos e vem modificando o processo de ensino-aprendizado.

Prova disto é que no momento que escrevo este TCC mantemos um afastamento das escolas por conta da pandemia de Covid 19 e na maioria delas os encontros estão ocorrendo pelo meio virtual com os alunos.

Percebi que a maioria dos professores que tive contato ou que ouvi relatos de colegas nas aulas de educação na FACED (Faculdade de Educação da UFRGS), ainda apresentam grande resistência ao uso de aparelhos eletrônicos como ferramenta de ensino. Imagino que este fato pode estar ligado a uma formação anterior recebida pelos professores não pensada ou inexistente para utilização de recursos tecnológicos como método de ensino ou mesmo uma falta de capacitação específica para tal uso, principalmente pelos mais velhos e que poderia ser solucionado ou contornada de certa forma em minha opinião se os professores se propusessem a aprender com os alunos a utilizarem as ferramentas tecnológicas sem se sentirem em uma posição de inferioridade.

Também acredito que um investimento específico nas áreas de formação de professores com um aprofundamento em recursos tecnológicos contribuiria significativamente como um suporte ao ensino-aprendizagem e como uma nova ferramenta pensando em práticas pedagógicas.

Outro desafio a prática do ensino de Artes nas escolas públicas é a falta de computadores para a demanda de todos os alunos. Com poucas unidades e muitos computadores ultrapassados ou em manutenção, as salas de informática transformam-se em locais de pouco ou quase nenhum uso dentro do ambiente escolar.

Ao final, em referência ao trabalho realizado, acho que ele trouxe um grande crescimento a minha carreira docente e mostrou o quanto ainda tenho que crescer e aprender com o dia a dia na escola.

Fico imaginando o quanto seria interessante um reencontro com os alunos em uma outra oportunidade, talvez uma repetição do projeto para analisar as diferenças dos resultados e também poder conversar sobre nosso projeto educativo fotográfico e se ele teve alguma repercussão positiva em suas vidas ou em suas formações escolares.

07. ANEXO 1

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação
Departamento de Ensino E Currículo – DEC
Estágio II – Docência em Artes Visuais no Ensino Fundamental (EDU 02089)

Projeto de ensino

Excursão fotográfica pelo Espaço Escolar

Estagiário: Mauricio Oliveira Braga

Escola Estadual de Ensino Fundamental Cidade Jardim
Av. Fábio Araújo Santos S/N Bairro Nonoai
Profª. Supervisora: Bernardete Nunes
Turmas: 7º A e 8º A.
Dias: Manhãs de segunda feira.
Total de horas: 20

Contexto:

Uso excessivo de aparelhos celulares pelos estudantes em sala de aula.

Temática principal.

Observando o uso constante de aparelhos telefônicos pelos estudantes em sala de aula como um recurso de interação social e fonte de pesquisa; combinando com o fato de que cada vez mais rápido as câmeras fotográficas tradicionais estão sendo substituídas por aparelhos telefônicos e então pensando nessa relação, porque não aproveitar esse recurso tecnológico portátil moderno para criar um meio de interação social e expressão artística através da fotografia?

Pretendo com esse projeto realizar um trabalho com os estudantes que vise esse aproveitamento de tecnologia e que também fortaleça o elo entre arte, sociedade e cultura através da produção visual.

Objetivos.

Despertar nos estudantes o uso da linguagem fotográfica como meio de expressão e também construir um olhar crítico sobre o cotidiano através da fotografia dentro do contexto escolar.

Promover a experiência dos estudantes com as artes através da produção artística de imagens e montagem de exposição fotográfica com as produções obtidas durante as aulas.

Justificativas.

Consolidar a fotografia como meio de expressão, apreciação e experimentação na vida cotidiana dos estudantes.

Metodologia.

Aula 1

Conteúdo. Fotografando a escola.

Objetivos. Breve conversa sobre a fotografia e a importância do registro fotográfico como forma de expressão. Convite aos estudantes para registrar algum local favorito dentro do espaço escolar. Compartilhamento das imagens por e-mail para organização e análise na aula seguinte. Criação de conta coletiva no Instagram para acompanhamento virtual nas produções.

Metodologia. Aula prática e conversas associadas a fotografia, produções e a temática.

Avaliação. Participação contínua e processual, observando o comprometimento do estudante.

Aula 2

Conteúdo. Organizando as imagens.

Objetivos. Análise das produções da aula anterior relacionando as imagens com elementos básicos da fotografia como luz, linhas, formas.

Aula 3

Conteúdo. Aproveitando os espaços.

Objetivos. Incursão por espaços não aproveitados na escola para produção de imagens. Apresentação aos estudantes de alguns dos conceitos básicos aplicados na fotografia como: enquadramento, profundidade, regra dos terços. Compartilhamento das imagens por e-mail para organização e análise na aula seguinte, visando exposição fotográfica final. Postagens das produções no Instagram.

Metodologia. Aula prática e conversas associadas a fotografia, produções e a temática.

Avaliação. Participação contínua e processual, observando o comprometimento do estudante.

Aula 4

Conteúdo. Organizando as imagens.

Objetivos. Análise das produções da aula anterior relacionando-as com imagens de fotógrafos famosos e também com estilos fotográficos importantes como séries, sequências, colagens fotográficas.

Metodologia. Aula expositiva com apreciação de imagens obtidas e conversas sobre a temática.

Avaliação. Participação contínua e processual, observando o comprometimento do estudante.

Aula 5

Conteúdo. Buscando novos elementos.

Objetivos. Nova incursão ao espaço escolar em busca de elementos para composição e registro fotográfico. Compartilhamento das imagens por e-mail para organização e análise na aula seguinte visando exposição final. Postagens das produções no Instagram.

Metodologia. Aula prática, com conversas associadas a fotografia, as produções e a temática.

Avaliação. Participação contínua e processual, observando o comprometimento do estudante.

Aula 6

Conteúdo. Organização das imagens.

Objetivos. Análise das produções da aula anterior buscando observar a presença de elementos apresentados nas aulas.

Metodologia. Aula expositiva com apreciação de imagens obtidas e conversas sobre a temática.

Avaliação. Participação contínua e processual, observando o comprometimento do estudante.

Aula 7

Conteúdo. Curadoria.

Objetivos. Analisar e selecionar coletivamente as melhores imagens obtidas por estudante durante a jornada fotográfica para a exposição final. Postagens das fotos escolhidas no Instagram coletivo.

Metodologia. Aula expositiva, conversas e orientações na seleção das imagens.

Avaliação. Participação contínua e processual, observando o comprometimento do estudante.

Aula 8

Conteúdo. Curadoria/Continuação.

Objetivos. Analisar e selecionar coletivamente as melhores imagens obtidas por cada estudante durante a jornada fotográfica para a exposição final. Postagens das fotos escolhidas no Instagram coletivo.

Metodologia. Aula expositiva, conversas e orientações na seleção das imagens.

Avaliação. Participação contínua e processual, observando o comprometimento do estudante.

Aula 09

Conteúdo. Exposição fotográfica.

Objetivos. Preparação para a montagem da exposição fotográfica, neste momento já com as imagens escolhidas, impressas e identificadas.

Metodologia. Montagem da exposição na área de visitação escolar.

Avaliação. Participação contínua e processual, observando o comprometimento do estudante.

Aula 10

Conteúdo. Exposição fotográfica/Continuação.

Objetivos. Montagem da exposição de forma coletiva no espaço escolar. Postagem final no Instagram para apreciação virtual do resultado.

Metodologia. Montagem da exposição na área de visitação escolar.

Avaliação. Participação contínua e processual, observando o comprometimento do estudante.

Recursos:

Telefones Celulares.

Câmeras digitais.

Sala de vídeo.

PowerPoint.

Excursão pelo pátio da escola.

Papel Pardo, impressões fotográficas, cola, tesouras.

Referências:

BARTHES, Roland. A Câmara Clara. Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

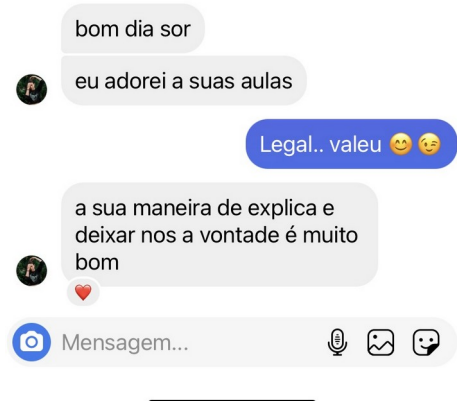
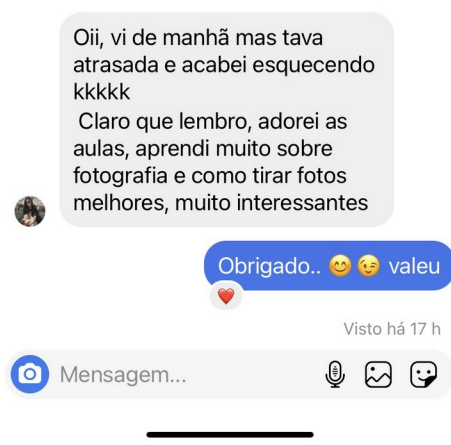
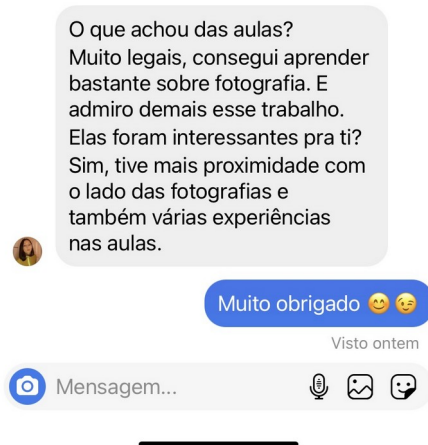
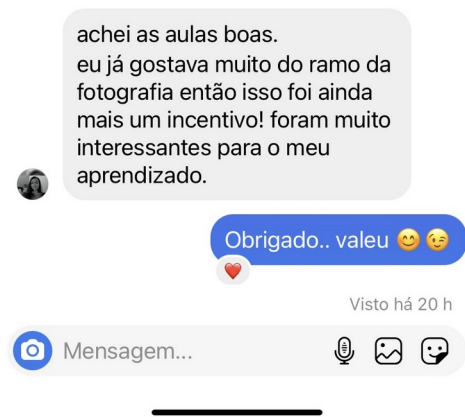
MCCURRY, Steve. Índia. Phaidon, 2015.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Projeto percurso do artista. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

COELHO, Juliano. A Obra Prima do Criador. O guia sobre o retrato feminino. 2017.

FREEMAN, Michael. O Olho do Fotógrafo. Composição e design para fotografias digitais incríveis. Bookman, 2012.

08. ANEXO 2 (Feedback dos Alunos)



09. ANEXO 3 (Recordações)

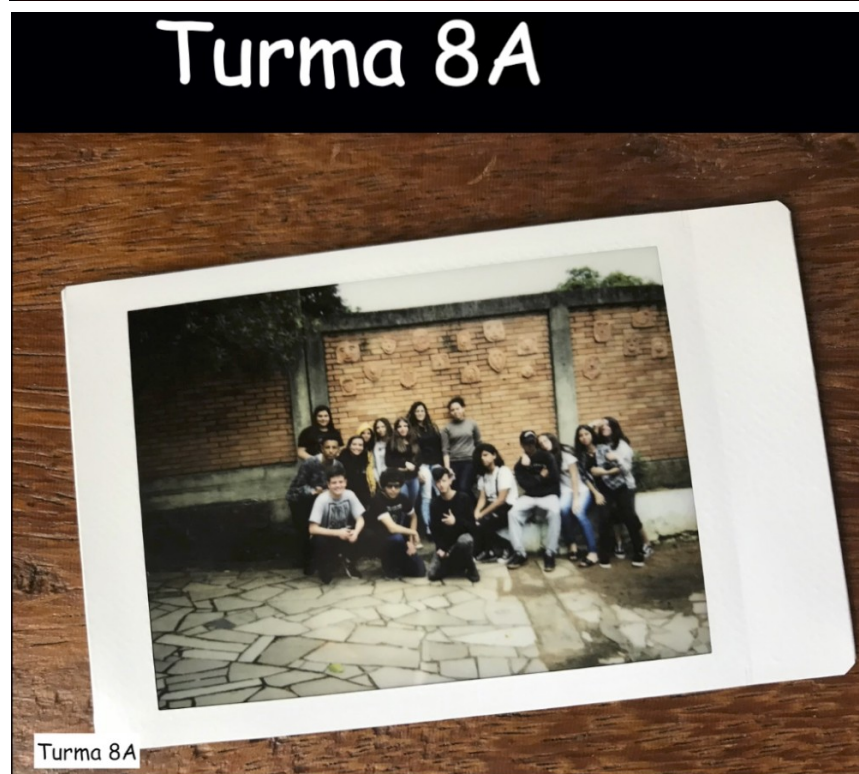


Figura 32,33 - Mauricio Braga -2019
Fonte: Arquivo pessoal

Referências:

ACHUTTI, L. E. R. Narrativa sobre uma cidade não como as outras: Hospital Colônia de Itapuã – A cidade dos condenados. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 189–216, 2010. DOI: 10.20396/resgate.v18i19.8645688. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645688>. Acesso em: 14 jul. 2021.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Projeto percurso do artista. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

BARBOSA, A. M. (Org) Ensino de arte: Memória e História. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. "A Imagem no Ensino da Arte: Anos Oitenta e Novos Tempos". São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARTHES, Roland. A âmara Clara. Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BARREIROS, Jaqueline Lopes. Fatores que influenciam na motivação de professores. Brasília, 2008. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2581/2/20312042.pdf>

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. Semina: Ciências Sociais e Humanas, v. 32, n. 1, p. 25–40, 2011.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte. Brasília, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura) 25ª edição. ISBN 85- 219-0243-3. Disponível em < <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-PauloFreire.pdf> > acesso em jul. 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2007. E-book.

GARCIA, L. A.; LINS, V. S. As tecnologias de informação e comunicação na formação de professores no ensino de ciências. Cadernos de Aplicação, v. 21, n. 2, jan./jun Porto Alegre, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002

RANGEL, Susana. Questionamentos de uma professora de artes sobre o ensino de arte na contemporaneidade. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193651/001090426.pdf?seque=1&isAllowed=y>